***

Eram cerca de dez horas da manhã. Pela janela do seu gabinete, Helena assistia a algumas crianças a brincar alegremente no quintal da casa em frente. Duas meninas disputavam uma boneca, o que terminou com o brinquedo despedaçado e cada uma a segurar uma parte dele, chorando aos berros. Aquela imagem fez Helena viajar para a sua própria infância.

– O que trazes aí, Lena? – Perguntou a mãe, ao ver a pequena Helena entrar no quartinho que a elas era destinado, no casarão dos patrões, uma grande família de colonos portugueses, composta por avós e pelos pais de uma menina chamada Maria dos Anjos.

– Restos de uma boneca da menina "*Dzanjos*". – Respondeu ela, com desagrado, atirando a boneca sem cabeça para a montanha de outras, sem pernas, braços, ou cabeça.

– Não sejas ingrata, menina. A menina Maria faz-te um favor ao partilhar os brinquedos dela contigo. – Repreendeu-a a mãe.

Helena não disse nada. Ela sabia que, no fundo, a mãe só queria que ela não crescesse revoltada. Dirigiu-se ao amontoado de pedaços de boneca e foi vasculhando à procura de peças que combinassem, para formar uma boneca para si. Ao cabo de algumas horas, tinha reconstruído uma bonequinha. Uma perna maior que a outra e dois braços com tons diferentes de pele, mas nenhum igual ao seu. Na cabeça da bonequinha, sobrava apenas uma ténue fila de cabelos loiros, iguais aos de Maria dos Anjos. Arrancou o que sobrava daqueles fios, como se arrancasse o desdém que via nos olhos dos patrões da mãe, cada vez que olhassem para elas.

– Mamã, *tô pidir* uma linha e uma agulha. – Falou, decidida a coser uns cabelos mais parecidos com os seus naquela cabeça.

– Tu não sabes coser, o que queres fazer com agulha e linha? – Respondeu a mãe, admirada,

– Não sei coser, mas a mamã sabe. Pode coser cabelos na minha nova boneca?

A mãe olhou para a boneca da Helena. Já a tinha repreendido por desprezar os brinquedos da filha dos patrões, não podia impedi-la de personalizar aquela boneca que tinha montado. Ajudou-a, costurando caminhos de linha preta e grossa na cabeça careca da boneca. Ao ver o resultado, Lena não cabia em si de contentamento.

– Tem tranças iguais às minhas. Agora só precisa de um vestido. – Disse, saltitando em volta da mãe, que não teve outro remédio senão usar sobras de capulana e improvisar um vestido.

No fim, Lena correu a mostrar a sua obra à sua doadora de bonecas:

– Olha, Maria *Dzanjos*. Olha para a minha boneca nova. – Disse, feliz, balançando a boneca em frente da outra menina, que boquiaberta, pegou no brinquedo enquanto dizia:

– Mas esta boneca não é nova, e de bonita não tem nada. – Depois, riu-se às gargalhadas e, arremessando a boneca para longe, gritou:

– Parece um monstro com pernas e braços diferentes! Vamos deitá-la fora.

Helena correu a apanhar a boneca e voltou para o quartinho, triste e a chorar.

A mãe tentou consolar a menina:

– Não chores, minha filha. Esta é a boneca mais bonita do mundo. Sabes porquê? Porque é fruto do teu esforço e da tua criatividade.

As palavras da mãe não estavam a surtir efeito, pois Helena soluçava cada vez mais.

– Tu gostaste muito da boneca que fizeste, e isso devia ser suficiente para ti. Não dependas da aprovação dos outros para valorizares o teu esforço e as tuas ideias.

Naquele momento, as palavras da mãe eram vazias, ela não entendia. Só muito mais tarde viria a perceber o valor do que lhe tinha sido dito.

Lena sentou-se. Parou de chorar porque a voz da mãe também começava a perder a firmeza e ela apercebeu-se de que a mãe também estava magoada. Limpou as lágrimas e disse:

– Esta é a minha filha linda… e vai chamar-se Ófuru[1].

A mãe de Helena sorriu. Aquela era a filha dela, sempre cheia de ideias.

Desde então, Ófuru e Lena, tornaram-se inseparáveis. Não havia sítio para onde a menina fosse sem levar a sua bonequinha. Aquilo irritava tanto a Maria dos Anjos, que já não via a sua pretinha de estimação a olhar com cobiça para o monte de bonecas novas que recebia mensalmente dos pais, como aos próprios pais de Maria dos Anjos, que eram constantemente incomodados pela filha para que lhe fizessem uma boneca parecida com ela.

– Oh, Madalena, a casa está a ficar infestada de pulgas! Devem vir com aquela boneca horrível que a tua filha carrega para todo o lado. – Disse, certo dia, a mãe de Maria dos Anjos, à mãe de Helena.

– Desculpa, senhora. – Respondeu ela.

– Não desculpo coisa nenhuma! – Berrou a patroa. – Vais limpar a casa toda com creolina e meter as roupas de cama na água quente. E, principalmente, que a tua fedelha não traga mais aquela coisa suja cá para dentro!

1 *Significa Liberdade/Independência, em língua chuabo (e-chuwabo).*

Lena estava parada ao lado da mãe, mas a patroa da mãe falava como se ela fosse invisível. Soltou a saia da mãe e correu para o quartinho dos fundos da casa, abraçando a sua boneca com toda a força, para não chorar.

– Se é para te largar, prefiro não voltar a pôr os pés na casa grande.

Lena deixou de ir à casa grande, mas a filha da senhora queria brincar, e a única criança disponível era ela. Passou então *Dzanjos*, a ir ao quarto dos fundos e ali descobriu um tesouro. Helena ensinou a menina a montar *bonecas puzzle* e passavam várias horas a fazer aquilo. Mas nenhuma delas ficava igual a Ófuru.

Um dia, ao acordar, Helena não encontrou Ófuru ao seu lado, nem em lugar algum do quartinho a que chamavam de casa. Correu para a casa grande para contar à mãe e viu Maria dos Anjos a brincar com Ófuru na sala de sua casa. Correu, feliz, ao encontro dela:

– *Dzanjos*, afinal Ófuru está contigo! – Disse Lena, aproximando-se da outra menina para reaver a sua filha. Mas, ao vê-la, aquela escondeu a boneca por baixo da blusa.

– Por que é que estás a esconder a minha filha? Devolve-ma. – Gritou Lena, revoltada.

Criou-se um reboliço e, na tentativa de reaver a sua boneca, Lena rasgou a blusa da filha da patroa da mãe.

Ao ouvirem o barulho, as duas mães correram para a sala e, ao depararem-se com a roupa rasgada da filha, a dona da casa sentenciou:

– Madalena, esta tua filha é uma selvagem! Não a quero nem mais um minuto nesta casa. Arranja outro sítio para ela viver, ou vais tu para o olho da rua.

– Sim, senhora. – Respondeu dona Madalena, apressando-se em tirar a filha da sala. Lena caminhava com a mãe, mas não tirava os olhos de Ófuru, nas mãos de Maria dos Anjos.

– Ófuru, mãe… *Dzanjos* está a levar a minha filha. – Berrava Helena, aos prantos.

O telefone de Helena tocou, acordando-a daquela recordação de infância. Era a sua secretária a recordá-la de uma reunião que deveria acontecer dentro de minutos, com um grupo de mulheres agricultoras da comunidade.

– Obrigada, dona Isabel. – Agradeceu, levantando-se em direcção à sala de reuniões.

Quando Lena entrou, já estavam na sala, além do grupo de mulheres, os representantes de algumas organizações internacionais que procuravam projectos para financiar. Conversavam animadamente uns com os outros, enquanto esperavam pelo início do encontro. Na primeira fila, uma senhora idosa derretia-se ao falar da sua neta, a quem criara desde a nascença por a sua mãe ter perecido durante o parto. Fartava-se de elogiar as qualidades de boa moça, dedicada à escola e aos trabalhos domésticos, e sempre muito respeitosa com todos.

Lena lembrou-se com nostalgia da sua avó.

Para garantir a manutenção do seu emprego, dona Madalena, a mãe de Helena, decidira mandá-la para a casa dos avós que moravam numa localidade que distava alguns quilómetros da cidade onde elas viviam. Os avós viviam sozinhos, e a chegada dela foi muito bem quista por eles. Além de os ajudar nas tarefas do dia-a-dia, incluindo na machamba, teriam dois ouvidos novos e cheios de esperança para escutarem as suas histórias.

No início, foi complicado para Lena, que sempre vivera com a mãe na cidade, ainda que fosse num quartinho no fundo da casa dos patrões. Mas era agradável estar rodeada de pessoas iguais a ela e, principalmente, ser olhada com carinho e respeito.

A avó ensinou-a a cozinhar, e o avô, a tratar dos animais domésticos. Ao fim do primeiro ano, já estava tão integrada que nem parecia que tivesse vivido em qualquer outro lugar antes.

Só aos doze anos é que começou a frequentar a escola oficial, onde sempre se destacou pelo empenho. Em parte, graças aos seus avós que, apesar de analfabetos, sempre se esforçaram para que não lhe faltasse material escolar ou algum vizinho para a ajudar a perceber o que lhe parecesse mais difícil.

Graças à sua dedicação e aos bons resultados na escola, conseguiu uma bolsa de estudos para a Bulgária, onde se formou em agronomia, área para a qual tinha sido preparada, ainda que involuntariamente, pelos seus avós. Quando lhe foi atribuída a bolsa, a palavra de ordem era que fosse aprender bem para que, quando regressasse, ajudasse a desenvolver o país. Mas, ao regressar, não tinha como nem onde aplicar os conhecimentos adquiridos. O seu país estava a ser devastado pela guerra e pela seca. Quando chegou ao distrito, à terra dos seus avós, estava tudo destruído. Sobravam apenas árvores secas, ossos do que antes tinham sido cabeças de gado, e cinza no lugar das casas. Procurou uma casa na vila para arrendar e passou a viver lá.

A sua mãe, depois de a ter deixado com os avós, e com o advento da independência, decidira seguir os patrões para a terra destes. Helena não percebia como ela poderia preferir o desdém dos patrões a manter-se na sua terra, apesar das dificuldades. Mas aquilo era outra história.

As vozes alegres das mulheres a cantar trouxeram-na de volta ao presente.

Aquele cântico era sinal de que estava na hora de dar início à reunião.

De pé, depois da saudação inicial, explicou o motivo daquele encontro.

– *Atitimiwe aiana etene*[2] – Cumprimentou Helena.

"*Netene nititimihiwe*![3]" Responderam as mulheres, em coro.

– Pedimos este encontro para vos apresentar a estas pessoas. – Disse, apontando para os dois casais de estrangeiros, trajados com *pulôver* de caqui, camisetes brancas e calças *jeans*. – Eles pretendem ajudar-nos a desenvolver o nosso distrito, melhorar os nossos meios de produção e os nossos lucros.

As mulheres murmuraram entre si, e Lena percebeu que estavam desconfiadas.

– *Dona* Lena, eu sou a *mussongoreli*[4] *de todas aqui presentes* e *das que não puderam vir*. A troco de quê eles querem ajudar–nos? Não nos conhecem de sítio nenhum! Não são da nossa família… – Questionou a idosa, que minutos antes se vangloriava da neta prendada.

– *Eles* querem ajudar-nos porque eu fui ter com eles à procura de apoio. – Respondeu Helena, escolhendo bem as palavras para não criar ainda mais dúvidas naquelas mulheres. – Eles são um grupo de pessoas que tem dinheiro e querem ajudar quem precisa, como por exemplo, nós.

– Mas ninguém ajuda só por ajudar, dona Helena. Vai chegar o dia em que vão cobrar-nos. E, quando esse dia chegar, vão cobrar-nos o que quiserem. Porquê? Porque agora não estamos a questionar o que vão querer em troca da ajuda.

As outras mulheres levantaram um burburinho, concordando com a posição da idosa. Helena reconheceu mentalmente o alto sentido de análise daquela idosa e admitiu que nunca tinha visto as coisas na perspectiva dela.

2 Saudação em língua chuabo (e-chuwabo).
3 Resposta a saudação feita em língua chuabo (e-chuwabo).
4 *Porta–voz,* em língua chuabo (e-chuwabo).

– Dona Helena, nós não estamos contra a sua ideia. Nem estamos a negar ajuda. Mas é melhor deixarmos as pessoas que querem ajudar-nos explicarem por que é que querem fazê-lo. – Disse uma outra senhora.

Helena convidou os pretensos parceiros de cooperação a explicarem-se perante as mulheres. Falaram em inglês e a própria Lena serviu de tradutora.

– Eles dizem que o que querem em troca é que a nossa comunidade se desenvolva e que melhorem as nossas condições de vida.

A auto-proclamada porta-voz das outras mulheres pediu a palavra e falou:

– Nós temos força, nós temos terra, nós temos machambas e produzimos para o nosso sustento, e para vender o que sobra a quem precisa. – Respirou fundo e ajeitou a capulana na cintura, para depois continuar. – Nós estamos bem. Não quer dizer que não podemos ou não queremos estar melhor. – A senhora calou-se por uns segundos, como que procurando as palavras certas. – O que está a parecer-nos é que querem dar-nos esmola. Mas nós não precisamos de esmola. Aceitamos ajuda, mas queremos poder entregar algo em troca dessa ajuda. Assim como está, não estamos interessadas.

Helena estava espantada, admirada. Agradavelmente surpreendida pela força, a auto-confiança, o amor-próprio e o orgulho que aquelas mulheres demonstravam naquele momento. Eram todas de origem muito humilde e viviam apenas com o essencial. Não tinham contas bancárias, e as poupanças eram feitas ao nível informal, entre elas. Tinham uma oportunidade para terem dinheiro antes de terem trabalhado, para investirem como achassem conveniente, mas recusavam-se a aceitá-lo sem um contrato. Sim, porque era disso que se tratava. Elas queriam saber quais eram as suas obrigações, para depois decidirem se aceitavam os direitos. Fez-lhes uma vénia mental.

– Muito obrigada, mamã. Entendi a vossa posição e vou transmitir a estes senhores. Quando eles tiverem alguma proposta de contrapartida, voltarão a reunir-se connosco. – Disse Helena.

As demais participantes da reunião bateram palmas e *tungurus*[5], e cantaram cânticos alegres, enquanto dançavam caminhando em direcção à saída.

Aquela cantoria e dança por tudo e por nada eram o que mais tinha sentido falta na Bulgária. As pessoas lá eram todas muito comedidas e reservadas. Mal conversavam, quanto mais cantar.

A avó tinha ensinado que a canção é a eterna e inseparável companheira da mulher.

– Oh, menina. Estás sempre silenciosa. Isso não é bom numa mulher. – Lembrava-se de ter ouvido a avó dizer–lhe, algumas semanas depois de ter sido deixada com ela pela mãe.

– Uma mulher deve sempre estar acompanhada de uma canção. E deve ter sempre uma diferente para cada ocasião. – Dissera-lhe ela. – Os familiares e os vizinhos sabem da nossa disposição do dia só de escutarem a música que cantarolamos.

Ela tinha achado aquilo absurdo. Ela, pessoalmente, até aquele momento, só sentia vontade de cantar quando estivesse muito contente. E, naqueles dias, andava triste e amuada por causa das saudades que sentia da mãe e de viver com ela. Mas as palavras da avó fizeram-na prestar atenção nas mulheres à sua volta e, instintivamente, ter sempre alguma canção como companheira.

5 Designação em língua chuabo (e-chuwabo) para o som agudo feito pelas mulheres com a língua, para demonstrar alegria ou satisfação. Equivale a minkulunguana nas línguas ronga e changana.

Naquele momento, a canção que lhe vinha à cabeça era sobre a força e a coragem da mulher. Sobre como as mãos da mulher é que empurram o mundo para o seu movimento de rotação.

O seu cantarolar foi interrompido pela entrada de uma esbelta adolescente. Tinha o passo forte e determinado, o seu sorriso terno e a expressão de candura na face contrastavam com a determinação e fortaleza de carácter dela.

– Olá, Ófuru. Que surpresa boa. – Cumprimentou Helena à sua filha que acabava de entrar. Ófuru era linda e formosa, nada parecida com a sua *boneca puzzle* de infância, que tinha sido roubada pela menina *Dzanjos*. Lembrava-se que, logo que soubera que estava grávida, pensou na boneca e decidiu homenageá-la naquela criatura que ia nascer.

– Mamã está sempre a trabalhar. Não há nada para fazer aqui. – Reclamou Ófuru, que vivia na cidade capital do país, quase que apenas com o pai, por causa das constantes saídas de Helena para trabalhar na associação das camponesas da localidade de Nampevo, onde tinha crescido com os seus avós.

– Vamos, já terminei por aqui. – Respondeu, levantando-se e levando a bolsa. A filha abraçou-a pela cintura e, juntas, caminharam em direcção à porta de saída.

– Mãe, estás a crescer. Já chegas à minha orelha. – Debochou a filha. – Olhando bem, acho que estás na mesma, só aumentaste a altura do turbante hoje. – Continuou ela, rindo.

Ao contrário da filha, que tinha sido abençoada com altura, Helena sempre tinha sido de baixa estatura e porte para a sua idade. Habituada aos gracejos da filha, riu-se às gargalhadas e respondeu:

– Tenho que comer mais arroz com feijão, a ver se até ao fim do ano te apanho.

A casa de Helena, naquele distrito, era próxima da sede da associação, pelo que elas regressaram a pé. Enquanto caminhavam, cruzaram-se com o senhor *Nhakungu*[6], um dos homens mais influentes e poderosos da povoação, na companhia de uma bela adolescente. Pararam para saudá-lo, e Helena comentou:

– Não conheço esta menina bonita. É sua neta?

– Não, dona Helena. É a minha nova mulher. – Respondeu o senhor *Nhakungu*, orgulhoso.

– Mulher?! – Retrucaram em coro, Helena e Ófuru.

As duas olharam para o homem, boquiabertas. Era um homem idoso, andava sempre apoiado num cajado que o ajudava a manter a pose erecta. Trajava calças de bombazine, cor de vinho, e uma camisa que já tinha sido branca, mas que as poeiras da vida tinham tornado acastanhada. Os pulsos estavam ornamentados com três pulseiras: uma de missangas vermelhas e brancas, outra de cabedal e outra de cobre. O pescoço estava adornado com um colar feito do que Ófuru adivinhava ser a cauda de um animal qualquer. Na cabeça, um chapéu castanho, ao estilo de *cowboy*, e os pés arrastavam uns chinelos de borracha amarelos.

– Sim. Os pais dela vieram deixá-la lá em casa, na semana passada. – Disse o senhor.

– Mas ela é apenas uma criança. – Disse Helena, revoltada.

– Nada, mamã, ela já não é criança. Já passou pelos ritos de iniciação há dois anos. – Explicou o idoso.

– Mas isso não quer dizer que já esteja pronta para ser mulher de alguém. Menina, tu não estudas? – Perguntou Ófuru.

– Não se meta na conversa de adultos. – Vociferou o homem, colocando-se entre Ófuru e a sua esposa-menor, e fulminando-a com os seus enormes olhos avermelhados.

6 Significa corvo, em língua chuabo (e-chuwabo),